

A BÍBLIA COMO LITERATURA E A LITERATURA DA BÍBLIA

Adriano Portela¹

Resumo: *A Bíblia é passível das mais distintas formas de análise. Consideraremos neste artigo o seu aspecto literário, de sorte que evidenciaremos as figuras de linguagem (estratégias literárias) e gêneros literários, com suas espécies e formas, utilizados pelos hagiógrafos (escritores sagrados). Visamos, com esta abordagem, oferecer ferramentas para uma melhor interpretação da Sagrada Escritura, ao tempo em que oferecemos uma outra possibilidade de aproximação entre a Teologia e a cultura.*

Palavras-chave: Bíblia; Literatura; Gêneros Literários; Exegese Bíblica

Após anos de estagnação, a Ciência Bíblica voltou a caminhar na Igreja Católica. Desde a Reforma, que reclamou veementemente maior importância à Sagrada Escritura na vida da Igreja, víamos com desconfiança e resistência qualquer avanço alcançado pela Exegese Bíblica. Contudo, graças à Constituição Dogmática *Dei Verbum*, que estendeu a toda a Igreja a mesma postura tomada por tantos exegetas católicos no período anterior ao Concílio, vimos florescer abundantemente na Igreja uma diversidade de abordagens que caminhavam acanhadamente antes do advento do Concílio Vaticano II. Foram cerca de 400 anos de atraso dessa tomada de postura, em relação ao primeiro impulso que foi tomado pela Reforma Protestante.

Em 1993, por ocasião do centenário da Encíclica *Providentissimus Deus*, e do cinquentenário da *Divino affante Spiritu*, a Pontifícia Comissão Bíblica lançou o Documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. Após anos do ponta-pé dado pelo Concílio à Ciência Bíblica na Igreja Católica, esse documento buscava apresentar a situação atual da exegese católica, ao tempo que sobretudo descrevia cada método e abordagem de interpretação e as questões de hermenêutica surgidas desde então. Enfim, o documento se propunha a situar os fiéis sobre a questão na atualidade da Igreja.

Entre os modos de interpretação da Sagrada Escritura apresentados pelo documento, lista-se o *método histórico-crítico* e as *abordagens através das ciências humanas*. Apoiando-nos nestes dois suportes é que pretendemos transcorrer esta nossa pesquisa, quando propomos neste presente estudo analisar a Bíblia como literatura e a literatura da Bíblia. Temos uma dupla tarefa – deveras difícil, diga-se de passagem – uma vez que visamos apresentar a possibilidade de uma análise propriamente literária da Bíblia aos católicos, mormente os que se interessam pelo estudo da Sagrada Escritura, ao mesmo tempo que desejamos tornar mais acessível a leitura da Bíblia àqueles que estão fora do círculo de estudo bíblico acadêmico, posto que a leitura literária – ainda que também vítima de algumas complicações - é coisa mais próxima dos leigos que a própria leitura da Bíblia. Podemos, inclusive, atrair aquelas outras pessoas a quem, por diversas razões, não interessa um tipo de abordagem religiosa da Bíblia, razão pela qual, em contrapartida, muito interessaria um tipo de abordagem como a que propomos neste artigo. À abordagem literária da Bíblia, embora seja conveniente, não está implicada a crença religiosa como pressuposto fundamental.

¹ Aluno do Bacharelado em Teologia do ITUCSal (cursando o 8º semestre) e da Licenciatura em Letras com Habilitação em Inglês e Português e respectivas Literaturas do ILUCSal (3º semestre), além de formando do Processo Formativo Presbiteral Inicial do Seminário Central S. João Maria Vianney. Orientadora: Prof. Ir^ª Judite Paulina Mayer.

Estamos conscientes dos perigos que acarretam tal incursão. Sabemos primeiramente da possibilidade acadêmica que temos de não atingir nenhum dos propósitos que temos nesta pesquisa, devido à nossa possível incapacidade de fazer-nos compreender por essa diversidade de público que desejamos alcançar. Depois, mais gravemente, sabemos ainda quão delicada é a nossa proposta: não descuidamos dos riscos que nos circundam, quanto à questão eclesial do assunto que abordamos. Deveras corremos o risco de considerar a Sagrada Escritura como mera literatura, desprezando o dado divino da inspiração; do mesmo modo que corremos o risco de perder de vista a importância da leitura e interpretação bíblica comunitária e dentro de uma tradição eclesial. Todavia, atente-se para o fato de que não é esta a nossa intenção. Ninguém empenha-se com tanto afincamento sobre uma causa, imbuído de um intuito maquiavélico. Queremos, antes, abrir-nos aos caminhos misteriosos que o Espírito percorre para fazer chegar o cerne da revelação divina a todos homens e mulheres de boa vontade. É nosso desejo, por esse viés, possibilitar o diálogo com o mundo vigente, que por ele próprio pode descobrir os valores ditados por Deus. Vejamos, pois, este caminho como uma possibilidade de estreitamento entre Evangelho e cultura. Que pela grandeza ou pequenez dessa proposta, meça-se então a validade do nosso intuito honestamente.

ABORDAGEM LITERÁRIA

Na verdade, esse caminho de análise da Bíblia como literatura sequer é uma inovação nossa. Contemporaneamente, temos na exegese bíblica métodos e abordagens diferentes da Bíblia. “Por ‘método’ exegético compreendemos um conjunto de procedimentos científicos colocados em ação para explicar os textos. Falamos de ‘abordagem’, quando se trata de uma pesquisa orientada segundo um ponto de vista particular”². A *abordagem literária* que propomos insere-se no contexto do método histórico-crítico, que é o método cujos estudos mais avançam atualmente. Para que a exegese de um texto bíblico seja completa, necessita-se normalmente de três análises: literária, histórica e teológica. As três análises naturalmente tendem a se encontrar, e uma reclama a outra, porque há pontos de convergência. Aqui, fixamo-nos evidentemente na análise literária; mas fazemos no intuito de captar a teologia da qual ela é feita e à qual ela guarda.

Denominamos como abordagem literária algo para além da conhecida *crítica literária*, com a sua crítica das fontes, crítica dos gêneros literários e crítica da redação³. Entendemos por abordagem literária a análise de como a teologia da comunidade à qual o hagiógrafo representa foi depositada na literatura bíblica. Para tal, servimo-nos, é claro, da crítica literária (sobretudo da crítica dos gêneros literários, que ajuda a especificar a estrutura formal de um texto, identificando o seu gênero literário; bem como o *sitz im leben*, o que nos faz descobrir a sua finalidade). Contudo a nossa proposta ultrapassa a crítica literária a partir do momento que não pretendemos parar nas formas: o nosso intuito é descer até o conteúdo dos textos, na tentativa de

² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, p. 36, nota 1.

³ Crítica literária é um nome genérico para a investigação científica da Bíblia, envolvendo três processos diferentes: crítica das fontes, que se preocupa com a investigação acerca da tradição que originou cada texto bíblico; crítica dos gêneros literários, que se preocupa com a forma de cada texto e o seu *sitz im leben*; e crítica da redação, que se preocupa em estudar as possíveis modificações que a redação final introduziu em cada obra bíblica. Enquanto os dois primeiros aspectos são de natureza sincrônica, o último é diacrônico. Isso faz dessa abordagem algo bastante amplo, de modo que cada um dos seus adeptos pode se especializar basicamente em um desses aspectos apenas, tão vasto é o campo de pesquisa dessa abordagem. Quanto a nós, notoriamente nos preocupamos em especial pela crítica dos gêneros literários bíblicos.

apreender aquilo que diz a sua literatura. Por isso trata-se de uma abordagem, uma vez que focalizamos propriamente a literatura bíblica.

Todavia, aqui não analisaremos a teologia presente nesta literatura. Tão somente abriremos caminho para tal tarefa. Desse modo, ficamos sabendo que não procederemos interpretação teológica alguma, mas apenas teorizaremos acerca de sua literatura. Mas antes, devemos fazer algumas considerações acerca da leitura da Bíblia como literatura, inclusive demonstrar o quão é plausível essa possibilidade.

A BÍBLIA COMO LITERATURA

Certamente muitos poderão olhar com desconfiança o caminho que anunciamos. Estes temerão que acabemos por igualar a Bíblia aos demais livros não-inspirados, como aparentemente depreendemos das palavras de GABEL e WHEELER:

Que significa ler a Bíblia “como literatura”? Considerar a Bíblia como consideraríamos qualquer outro livro: um produto da mente humana. Nessa concepção, a Bíblia é um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a auto-expressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada (1993, p. 17).

A estes que olham com assombro a nossa proposta, não lhes tiramos a razão, uma vez que literatura geralmente evoca ficção (isto é, coisa meramente imaginada), e neste caso estaria em questão a inspiração divina que gerou a Sagrada Escritura, bem como a historicidade e veracidade bíblica. Isto desestabilizaria muitas pessoas, porque estaríamos mexendo em questão de fé, e fé é vida. Além do mais, considerar a Bíblia como um livro qualquer seria, sem dúvida alguma, uma atrocidade – coisa que sequer os literatos seriam capazes de cometer⁴. Por outro lado, estes próprios literatos poderão olhar com desconfiança para esta nossa proposta, e mesmo se conservarão céticos quanto à possibilidade de enquadrarmos a Bíblia dentro dos critérios literários. Todavia, não a enquadraremos, apenas desvelaremos o quanto ela é literária. Para isso, precisamos antes considerar o que é literatura.

Usamos o termo ‘literatura’ em seu sentido mais amplo. Há um sentido mais estrito que abrange apenas o que se conhece como *belles lettres*, isto é, poesia, contos, romances, peças teatrais, ensaios. Embora a Bíblia contenha esse tipo de

⁴ Recordamos do excelente artigo de C. S. Lewis, intitulado Teologia Moderna e a Crítica da Bíblia (Disponível: <http://despertaibereanos.blogspot.com/2007/05/teologia-moderna-e-critica-da-bblia.html>). Neste artigo, Lewis contesta a Crítica dos gêneros de Bullmann e companhia; segundo ele, alguém que compara o Novo Testamento com qualquer outro livro da literatura mundial não merece crédito algum. Tal pessoa desmerece tanto a Sagrada Escritura, quanto os livros da literatura mundial, ao considerar as obras da literatura mundial “uma história que professa ser um mero sonho”, ao mesmo tempo em que não considera toda a particularidade que merece a Bíblia. Como literato, Lewis afirma: “Sei que em toda essa literatura não há nada que chegue a altura do quarto Evangelho”. Ele questiona com que autoridade um exegeta afirma que alguma coisa na Sagrada Escritura é lendária ou romântica: quantos romances e lendas ele já leu, dentro desses anos de seu estudo restrito da Bíblia, para cometer tamanha contravenção? De nossa parte, não queremos ser tão imprudentes em nossas considerações: sabemos bem o valor da Escritura Sagrada e o quão ela é *sui generis*. Por outro lado, também não queremos ser reducionistas quanto a nossa concepção de obra literária.

material, também há nela genealogias, leis, epístolas, decretos reais, instruções para construção, orações, sabedoria proverbial, mensagens proféticas, narrativas históricas, relações tribais, dados de arquivo, regulamentos rituais e outros tipos de material mais difíceis de precisar GABEL e WHEELER, 1993, p. 18).

No sentido mais estrito da literatura, trabalham propriamente os especialistas em Teoria da Literatura, como é o caso de Wellek e Warren, e também Massaud Moisés. Para estes, literatura seria apenas as obras escritas na qual a linguagem exercesse marcadamente a sua função estética, na qual há uma preocupação com a forma e os signos lingüísticos são polivalentes, porque prenhe de vários sentidos. Wellek e Warren são ainda mais rigorosos: eles reconhecem que algumas obras podem ser consideradas como arte, porque serviram-se da linguagem estética para transmitir a sua mensagem, apesar de não serem propriamente obras literárias; contudo, eles afirmam que

Afigura-se melhor, no entanto, considerar apenas como literatura as obras nas quais é dominante a função estética, embora reconheçamos que existem também elementos estéticos – o estilo e a composição, por exemplo – em obras com um objectivo completamente diferente, um estilo não estético, como sejam os tratados científicos, as dissertações filosóficas, os panfletos políticos, os sermões (1962, p. 31).

Desse ponto de vista, apenas parte da Bíblia poderia ser considerada como literatura, posto que, segundo GABEL E WHEELER, aproximadamente 1/3 do AT é composto de poesia (Cf. GABEL E WHEELER, 1993, p. 44). SCHÖKEL chega, inclusive, a estimar que “A maior parte do AT e parte do Novo pertencem a esse nível da linguagem” (1992, p. 111). Isso já seria um material considerável para justificar a proposta que fazemos neste artigo.

Todavia, há um outro critério ainda, a partir do qual uma obra deve ser considerada como literatura: a sua ficcionalidade. Esse critério certamente deveria nos assustar, porém, é mister assumir o que há de ficção na Bíblia. Com isso, de modo algum, estamos retirando a veracidade da Bíblia. Precisamos compreender o que significa verdade bíblica – não o que é o conceito de verdade na Bíblia, mas sim onde está a verdade que ela deseja comunicar.

Sabemos que na Bíblia encontramos abundantes dados históricos; porém, é sabido de todos também que a Sagrada Escritura exprime muitas das suas verdades através dos mitos, novelas e lendas, e algumas coisas que não são nada disso, como a saga de um lugar – o templo de Jerusalém, por exemplo – é manuseado de maneira tal a exprimir uma verdade teológica. Neste aspecto, se instala a ficcionalidade da Bíblia. E voltamos a reiterar: isto não retira a veracidade bíblica. Os mitos não são meras “mentiras”, eles eram a concepção histórica dos antigos, e o seu histórico não está no que está relatado, mas sim naquilo que o relato deseja manifestar. Da mesma forma acontece com as lendas e as novelas bíblicas: embora elas não descrevam fatos históricos, falam sempre de coisas reais. Enquanto a historiografia (que é a nossa concepção de história) descreve fatos acontecidos, estes gêneros dão interpretação a supostos acontecimentos – e nesta interpretação é que se esconde a sua verdade. Conforme Konings, esta é a conclusão que podemos tirar: “A verdade da Bíblia não está necessariamente naquilo que o texto diz gramaticalmente, mas na realidade escondida para a qual ele aponta ou no efeito que ele produz” (KONINGS, in: Vida Pastoral Set/Out 2003, p. 25).

Desse modo, mesmo a ficcionalidade defendida por Wellek e Warren é encontrada na Bíblia também. Todavia, diferente da literatura mundial, cremos que na composição da Bíblia, influenciou a inspiração divina, de modo que esta não é mera construção humana, não obstante a sua

ficcionalidade. E essa é uma distinção que deve ser feita quanto à analogia da Sagrada Escritura como literatura. Analisaremos estas distinções na próxima subseção do nosso artigo.

Algumas restrições quanto à Bíblia como uma obra literária

Aqui, nestas restrições, seremos auxiliados por Schökel⁵. Além das preocupações que já citamos aqui, a saber a de que, apesar da Bíblia em alguns aspectos não diferir das demais obras, ela não é completamente enquadrável nos critérios literários, dada a sua especificidade como revelação divina. Cada obra tem uma chave de leitura para o universo que representa, e não é diferente com a Sagrada Escritura: embora proponhamos uma abordagem que, em si, não exija uma leitura religiosa sua, não podemos negligenciar esse dado em nosso contato direto com essa obra magnífica.

Nisto, já está implícita uma outra distinção: a da inspiração. Esse é um dado peculiaríssimo, uma vez que nenhuma outra obra mundial reclama para si status divino. Mas não queremos ir mais adiante neste ponto, achamos que o que o nosso leitor tem consigo já seja o bastante para seguirmos adiante; todavia, caso seja necessário maior aprofundamento, sugerimos como subsídio o livro *A Obra Inspirada*, de L. Alonso Schökel, editado pelas Edições Loyola.

Dessa inspiração, nasce uma outra distinção básica entre as obras mundiais e a Bíblia: a intencionalidade. Enquanto comumente as obras literárias têm um aspecto eminentemente contemplativo, isto é, elas são voltadas para si mesmas, sem necessariamente terem alguma pretensão, a Bíblia nasce com uma intencionalidade diversa, voltada para fora de si mesma, com um aspecto ativo. Diríamos, inclusive, que ela estapola o princípio da arte pela arte: os seus livros sempre nascem como resposta teológica a um contexto social vivenciado e, por isso, seria uma espécie de *literatura funcional*. O Gênesis não conta as origens do povo hebreu por acaso, bem como o Êxodo não é sem propósito, nem os Salmos (que eram compostos para serem entoados nas liturgias do Templo), e nem os profetas; do mesmo modo, os Evangelhos eram escritos para nortearem uma comunidade de crentes, e de igual modo as Epístolas e o Apocalipse. Como vemos, há uma nítida distinção. Por essa razão, porque era para revelar a glória de Deus, e para guiar os fiéis na sua relação com Deus, os Livros Sagrados são colocados numa mesma perspectiva que os demais livros literários. Essa é um grande diferença entre uma obra literária comum e a Bíblia: nenhum escritor moderno escreve uma das suas obras para servir de guia a comunidade alguma; se esta acaba adquirindo este status - o que é muito difícil - é por mera casualidade. Os livros bíblicos, porém, sim; eles eram escritos com uma clara intenção: porque destinavam-se a alimentar a relação do povo com esse Deus, os autores e redatores destes livros faziam-nos bem, e por vezes com uma refinada linguagem estética.

Aliás, a questão do processo de composição dos livros bíblicos é outra distinção a ser feita. A autoria Bíblica não se parece em nada com aquela que temos atualmente nos grandes *best sellers*, primeiro porque não podemos precisar exatamente quem é o autor de alguns destes livros; depois porque, além do hagiógrafo (escritor sagrado), outros personagens influíram na composição dos livros: a estes damos o nome de redatores.

Os redatores são pessoas que confeccionaram uma versão acabada de um texto a partir dos materiais postos à sua frente [...] Eles podem selecionar, reorganizar, acrescentar os vínculos necessários, inserir explicações e até criar um arcabouço narrativo ou expositivo de sua lavra para apresentar o material (GABEL e WELEER, 1993, p. 23).

⁵ Temos por base SCHÖKEL, 1992.

Alguns livros sofreram, inclusive, mais de uma redação. Podemos não compreender esse processo de composição, dada a nossa contemporaneidade, todavia, é preciso levar em conta os cerca de mil anos nos quais os textos sagrados foram longamente gestados.

Por fim, levadas em conta estas distinções que acabamos de expor, e tendo em mente os dois sentidos de literatura que apresentamos, podemos passar à análise dos elementos literários presentes ao longo de toda a Escritura. Como observamos, esta nossa análise pode instaurar-se nos dois sentidos de literatura apresentados, contudo preferimos o sentido mais amplo, de modo que consideraremos a Bíblia inteira como literatura.

ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS NA BÍBLIA

A língua é comumente utilizada em três níveis diferentes, a saber: *comum*, *técnico* e *literário*. A Bíblia, logicamente, utiliza-se dos três com muita naturalidade. Estes níveis não são estanques, mas perpassam-se, sendo que o nível da língua comum serve de substrato aos demais níveis, e prepara-os – ao mesmo tempo em que, por eles, é enriquecido. O *nível comum* da língua é aquele mais familiar a toda a comunidade de falantes, porque é o nível do cotidiano das pessoas. É através desse nível da língua que o pai e a mãe se comunicam com o filho, e este com os seus pais. Por sua vez, o *nível técnico* é aquele que exprime o conhecimento especializado dos seres humanos. Desse modo, temos uma linguagem médica, outra teológica, outra filosófica, e assim por diante. Finalmente, temos o nível literário que é aquele em que a língua comum se potencializa, e adquire uma riqueza inigualável. Naturalmente, a literatura só poderia se utilizar sobremaneira desse nível da língua. São as obras literárias que dão visibilidade ao nível literário da língua.

São as numeráveis figuradas de linguagem ou de pensamento – estratégias literárias – que enriquecem a língua comum ao ponto de metamorfoseá-la em língua literária. Não faremos uma exposição acurada de todas estas figuras, mas apenas daquelas que são ditas próprias do pensamento semítico. Àquelas que nos são mais familiares, restringir-nos-emos apenas em exemplificá-las através das páginas da Bíblia Sagrada. Desse modo, sabemos que podemos encontrar, ao longo de toda a Bíblia, *metáforas* – “Vós sois o sal da terra” (Mt 5,13) -, *comparações* – “O reino dos seus é como um tesouro escondido no campo” (Mt 13,44) -, *pleonasmos* – “De repente, desencadeou-se sobre o mar uma *tempestade tão grande*, que as ondas cobriam a barca”. (Mt 8,24) -, *simbolismos* – presentes nos sonhos interpretados por José e Daniel, nas imagens proféticas e também nas visões apocalípticas -, *alegorias* – a parábola do semeador (Cf. Mt 13,1-9), ironias – “Harbona, um dos eunuocos, sugeriu ao rei: ‘Na casa de Amã há uma forca de 25m, que Amã tinha preparado para Mardoqueu, aquele que falou em defesa do rei’. E o rei ordenou: ‘Enforcuem nela Amã’” (Est 7,9) -, *jogos de palavras/trocadilhos* – “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16,18)⁶ -, *elipses* – “Ele fez os grandes luminares, porque o seu amor é para sempre! O sol para governar o dia, porque o seu amor é para sempre! A lua para governar a noite, porque o seu amor é para sempre!” (Sl 136,7-9) -, *hipérboles* – “vimos até mesmo gigantes, filhos de Enac, da raça dos gigantes; parecíamos gafanhotos comparados com eles” (Nm 13,33). - e *personificações* “Israel era ainda criança, e já eu o amava, e do Egito chamei meu filho” (Os 11,1). Todas estas são estratégias literárias comuns a nós, e todas elas, como vemos, estão presentes na Escritura Sagrada.

⁶ Esta figura de linguagem é mais perceptível nas línguas originais dos textos sagrados: o hebraico, o aramaico e grego.

Além dessas, como dissemos, temos ainda outras que são próprias da literatura semítica. Segue cada uma, com a explicação do que se trata e um exemplo bíblico:

- *Merismo*: indica a totalidade, discriminando as partes, geralmente os extremos daquilo que é a totalidade. Ex: “No princípio, tu firmaste a terra, e o céu é obra de tuas mãos” (Sl 102,26).
- *Duplo passo ou dualidade*: dupla indicação acerca de algo, sendo que a segunda geralmente detalha a primeira. Ex: “**No primeiro dia que se seguia ao sábado**, Maria Madalena foi ao sepulcro, **de manhã cedo, quando ainda estava escuro**”. (Jo 20,1)
- *Ritmo binário*: indica ações (simultâneas ou sucessivas) ou descreve uma mesma ação em dois tempos, sendo que o segundo detalha o primeiro. Ex: “E, levantando-se, ameaçou os ventos e o mar, e tudo ficou calmo” (Mt 8,26)
- *Paronomásia*: encadeamento de palavras com sonoridade semelhante, embora o significado não o seja. Essa figura de linguagem só é perceptível nos textos originais, porque na tradução perdemos a riqueza de algumas construções frasais possíveis apenas no grego, no hebraico ou no aramaico. Um exemplo bíblico é a expressão *γαληνη μεγαλη*, pertencente a Mc 4,39g: na transliteração para o português, essa expressão soaria da seguinte maneira: galêne megále; e significa bonança grande.
- *Quiasmo*: organização do texto em dois períodos semelhantes, mas com ordem inversa dos seus signos no segundo período (a-b-b’-a’); de modo que, no centro da estrutura do texto, fiquem os signos que são a essência daquilo que se deseja comunicar. As vezes, esse centro é um elemento isolado, por único na estrutura do texto; o quiasmo está na inversão da situação que primeiramente foi apresentada pela passagem bíblica. Ex: Lc 4, 16c-20a. Esse texto inicia com Jesus levantando, tomando o livro – o qual ele lê – e termina com ele fechando o livro e sentando-se. Nesse caso, o que foi lido por ele no livro é que constitui o centro do quiasmo:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. (Lc 4,18s)

- *Paralelismo*: a característica fundamental dessa figura de linguagem é o prolongamento de um pensamento presente numa construção frasal, em outras construções subseqüentes. Há vários tipos de paralelismo, porque são diferentes os modos como se dão estes prolongamentos. O mais comum é o *paralelismo sinônimo*, no qual se repete a mesma idéia em palavras diferentes. Ex: “A **terra** é do Senhor e **tudo o que nela existe** / O **mundo** e os **que nela habitam**” (Sl 24,1)

GÊNEROS LITERÁRIOS

Além das figuras de linguagem (estratégias literárias) que analisamos um pouco mais acima, temos também o estudo dos gêneros literários. Quando falamos em gêneros literários, estamos nos referindo a famílias de escritos, que é o mesmo que dizer espécies ou tipos de obras literárias com traços semelhantes⁷. Todavia, os gêneros não são molduras imutáveis, mas sim formas relativas através das quais o escritor pode transcrever a realidade à vontade. Eles têm dupla funcionalidade: a de serem estruturas por meio das quais a imaginação literária se exprime;

⁷ A própria etimologia da palavra gênero nos ajuda nesse sentido. Foi do radical latino *generus* (família) que deu origem à palavra gênero. Um grupo de obras com características comuns constitui um gênero literário.

e a de serem instrumentos que permitem captar a realidade. Os gêneros literários só existem graças à precedência existencial da realidade, a qual é manifestada por eles.

Por outro lado, cada gênero, espécie ou forma desempenha funções específicas, permitindo ver uma porção da realidade e um tipo de realidade, conjugados: facultam o acesso não a toda a realidade, mas a um fragmento dela; não a qualquer tipo de realidade, mas a um determinado (MOISÉS, 1989, p. 64).

Desse modo, o leitor deve apreender os gêneros como uma exigência necessária para uma melhor interpretação da obra literária - porque eles são as lentes através das quais o escritor capta a realidade - do contrário, correr-se-á o risco de fazer inferências completamente errôneas a respeito da obra sobre a qual se debruça.

Cabe informarmos aqui, contudo, que nas discussões da Teoria da Literatura, a classificação dos gêneros é um ponto controverso. Durante muito tempo, ela era normativa, e por isso, rígida, inflexível e estática. Reconhecia-se apenas como gêneros o *épico*, o *lírico* e o *dramático*. Em resposta a esta postura, passou-se a considerar de importância secundária, quando não desnecessária, a classificação dos gêneros. Mais recentemente retomou-se o interesse por esse campo, agora assumindo uma postura descritiva, e, por isso, mais aberta à possibilidade do surgimento de novos gêneros literários. Massaud Moisés chega a sugerir toda uma reformulação da concepção de gênero. Segundo ele, haveria apenas dois gêneros - prosa e poesia - e estes se subdividiriam em *espécies* que, por sua vez, distribuir-se-iam em variadas *formas*.

Seguiremos, por conseguinte, esta proposta de Massaud Moisés, guardando as devidas proporções que reclama a Bíblia, por se tratar de um livro com uma infinidade de formas literárias. Prescindiremos, em certo grau, à classificação dos especialistas. Como dissemos anteriormente, tomamos a literatura em seu sentido amplo, de sorte que, também na classificação dos gêneros literários, consideraremos como espécies e formas destes, alguns escritos atípicos para essa classificação e que, no entanto, constituem verdadeiros tipos de escritos com características comuns.

Justificamos o fato de serem atípicos: muitos destes escritos não tinham finalidade estética alguma: são leis, bênçãos, histórias familiares, indicações para construções, etc.; em seu contexto de origem, eles surgiram destinados aos mais variados fins, que não aquele de entreter o seu público pela beleza. Outros, porém, embora também não tivessem essa finalidade, foram formados competentemente dentro desse horizonte, porque os escritores servem-se do que existe para transmitir a sua mensagem. Como afirmam GABEL e WEELER,

Todo exemplar de escritura é de um certo *tipo*. Ele se situa no âmbito de uma tradição formal particular e exemplifica essa tradição. Isso não era menos verdadeiro nos tempos bíblicos do que o é agora. (...) Antes do período moderno, e certamente nos tempos bíblicos, os escritores que tivessem alguma concepção de um tema que desejavam exprimir se voltavam, de modo natural e indubitável, para uma forma literária tradicional que a veiculasse (1993, p. 27).

No caso da Bíblia, então, que é Palavra de Deus, os hagiógrafos serviram-se ainda mais do que havia de melhor e mais sofisticado em termos de literatura na tradição judaica. Desse modo, temos a tarefa de identificar os gêneros literários, suas espécies e formas, dentro do amplo mundo que é a Bíblia. Diferente das obras da literatura mundial, os livros da Sagrada Escritura, por vezes, são um misto de gêneros e similares, sendo constituídos, por isso, uma vez mais, de uma riqueza inigualável.

Classificação dos Gêneros

Seremos em grande parte inovadores, quanto à classificação dos gêneros literários existentes na Bíblia. Tomando como base a concepção de gênero, espécie e forma literárias sugerida por Massaud Moisés, e levando em consideração as diferenças existentes, que já mencionamos, faremos a nossa própria classificação dos gêneros bíblicos. Desse modo, segue-se a tabela de classificação:

Tabela 1 – Gêneros, espécies e formas literárias

Gêneros Literários	Espécies	Formas
Poesia	Sapiencial	Provérbio, aforismo
	Cultural	Salmo, hino
	Pessoal	Poema de amor, cântico de exultação, poema de lamentação
Prosa	Histórica	Mito, Novela, Saga, lenda, historiografia
	Jurídica	Mandamento divino, legislação real
	Epistolográfica	Carta Apostólica
	Apocalíptica	Profecia
	Figurativa	Parábola, alegoria

Essa classificação varia de autor para autor, devido não só às divergências metodológicas, mas também à grande variedade dos escritos bíblicos. Por essa razão, faz-se necessário explicitarmos o que pensamos ser cada um dos gêneros, espécies e formas literários bíblicos. No que diz respeito à poesia, como já falamos anteriormente, boa parte da Sagrada Escritura é constituída de poesia. Certamente não considerariamos como poesia o que os judeus do tempo bíblico escreveram como poesia. O problema está no fato de que a poesia hebraica não se valia de aspectos formais, tais como rimas e organização em versos, como nos valem na atualidade. Ela era muito mais uma estrutura de pensamento, expressa comumente através de *paralelismos*, que uma forma exterior de escrita.

Por exemplo, encontramos a poesia sapiencial nos provérbios do livro dos Provérbios, mas também nos aforismos do Eclesiástico; da mesma forma, encontramos a poesia cultural no livro dos Salmos, e a poesia pessoal no amoroso Livro do Cântico dos Cânticos. O poema de lamentação encontramos no livro de Lamentações, no poema de Davi pela morte de Jônatas (II Sm 1,19-27), como também no Hino de Moisés pela passagem através do Mar Vermelho (Ex 15, 1-21), no Cântico de Ana pela concepção de Samuel (I Sm 2,1-10), no *Magníficat* de Maria (Lc 1, 46-56) e no *Benedictus* de Zacarias (Lc 1,68-79) e no *Nunc dimittis* de Simeão (Lc 2,29-32).

No que concerne à prosa, temos também um material vasto. Há uma prosa histórica, que ganha forma nos mitos do Gênesis; nas novelas como o livro de Jonas e a história de Suzana (Dn 13); nas sagas como a história dos patriarcas; nas lendas como a história do profeta Elias; mas

também na própria historiografia como nos livros de Crônicas I e II, os próprios Evangelhos e o Atos dos Apóstolos. Há também, neste gênero de literatura, a espécie jurídica, da qual o Código de Santidade (Lv 17-26) é um ótimo exemplo. Quanto à espécie epistolográfica, logicamente temos as Cartas atribuídas a Paulo e as demais cartas do Novo Testamento. Além dessas espécies, temos a apocalíptica, com os livros de Daniel, alguns dos profetas, e o próprio Apocalipse. Por fim, temos a prosa figurativa, com as parábolas do Reino (Mt 13) e a alegoria de Israel como uma prostituta (Ez 16), por exemplo.

Essa classificação talvez pareça desnecessária, todavia é de primordial necessidade que saibamos a que gênero literário pertence cada livro bíblico com o qual tomamos contato. Recordamos de uma universitária, por exemplo, que afirmava não acreditar na Sagrada Escritura, citando como exemplo da “incoerência” bíblica a história de Jonas, que passou três dias no ventre do grande peixe, e depois foi posto para fora. Ela se questionava como isso era possível, e como julgava não ser possível, concluía que a Bíblia era uma farsa. Pois bem, se ela soubesse que o livro de Jonas é uma novela (ou talvez uma parábola, como outros preferirão), e que por isso não tem pretensão alguma de impor como verdade os fatos narrados, ela entenderia que o passar três dias no ventre do grande peixe era, na verdade, insinuação de uma outra realidade. A novela que é o livro de Jonas pretende ensinar que cada pessoa tem uma missão a cumprir, e as vezes ela precisa nascer de novo (do ventre do peixe) para assumir esta missão.

O conhecimento dos gêneros pode assim nos livrar de inferências precipitadas, sobretudo porque a partir dele podemos descobrir o *sitz im leben* (contexto vital) no qual cada texto foi construído, e, por conseguinte, sua intencionalidade e a finalidade a que ele se destinava. Por essa razão, é importante incentivarmos os fiéis à leitura propriamente literária do texto bíblico. Essa perspectiva sem dúvida alguma ajudará os fiéis a terem uma compreensão mais profunda da Escritura Sagrada. Todavia, atente-se para o fato de que é preciso “treinar” os mesmos para essa leitura numa perspectiva literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, consideramos o quão necessária revela-se essa abordagem literária da Bíblia. Não que devamos considerar, de agora em diante, a Escritura Sagrada inteira como sendo apenas compreensível à luz dos seus gêneros literários, como se ela se reduzisse a estes tão simplesmente. Mas o certo é que estes são relevantes para a sua compreensão, porque foi neles que a inspiração divina – na condição de experiência humana com o sagrado – foi traduzida e depositada. Portanto, eles só são importantes na medida em que os reconhecemos como instrumentos da ação divina. Daí a necessidade que tanto apregoamos da abordagem literária aqui proposta exaustivamente. Esperamos que os estudiosos possam aprofundar-se nessa perspectiva repleta de beleza.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA (Edição Pastoral). 54ª impressão. São Paulo: Paulus, 1990.

BÍBLIA SAGRADA. 63ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.

BÍBLICA, Pontifícia Comissão. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. Col. A Voz do Papa, nº 134. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CROATTO, José Severino. O mito como interpretação da realidade. In: Ribla. Fevereiro de 2004. Petrópolis-RJ: Vozes.

KONINGS, Pe. John. *Gêneros Literários e Verdade Bíblica*. In: Vida Pastoral. Setembro/Outubro de 2003. São Paulo: Paulus.

MOISÉS, Maussad. A criação Literária (Poesia). 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

SCHÖKEL, L. Alonso. *A Palavra Inspirada (A Bíblia à Luz da Ciência da Linguagem)*. Col. Subsídio, nº 9. São Paulo: Loyola, 1992.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

WELLEK, Rene; WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa-América, 1962.